



GINÁSTICA PARA TODOS E CULTURAS POPULARES: A ORIGINALIDADE DO GRUPO DE GINÁSTICA DE DIAMANTINA

Priscila Lopes⁹

priscalopes@usp.br

Michele Viviane Carbinatto¹⁰

mcarbinatto@usp.br

A Ginástica para Todos (GPT) é reconhecida como uma prática gímnica que, por meio dos fundamentos das ginásticas, prima pela inclusão, socialização e interseção das ginásticas com diferentes manifestações, como as brincadeiras, dança, lutas, manifestações folclóricas e etc. (TOLEDO; TSUKAMOTO; CARBINATTO, 2016). Sua principal forma de manifestação ocorre por meio das composições coreográficas, comumente apresentadas em festivais e, por tal, relaciona a GPT ao fazer artístico e estético e valoriza tanto na construção quanto na apresentação, o espetáculo coreográfico (CARBINATTO; BORTOLETO, 2016). Dentre as possibilidades que direcionam e instigam a construção de uma coreografia – um material de pequeno e/ou grande porte; uma música; um fato histórico (BRATIFISCHE; CARBINATTO, 2016) – destacamos a definição de um tema como o balizador de um processo. A tematização é um momento único para que os envolvidos possam problematizar situações vividas ou dados concretos da realidade na qual estão inseridos, conduzindo os sujeitos envolvidos à leitura, à interpretação e ao conhecimento do mundo que os cerca (MARCASSA, 2004). No entanto, deve-se evitar uma abordagem superficial em que temas sejam coadjuvantes no processo de construção coreográfica sem que haja uma compreensão aprofundada sobre eles. Fátima e Ugaya (2016) citam a utilização simplista e instrumental de temas das culturas populares sem considerar que estes carregam consigo uma identidade que envolve ancestralidade, oralidade, luta, resistência, etc. Logo, as culturas populares podem ser o aspecto central das produções em GPT, desde que envolvam investigação sobre o tema, promovendo vivências que levem os sujeitos à uma imersão e, consequentemente, reflexão sobre a realidade que os cerca. Neste estudo, apontamos – especificamente – o trabalho em desenvolvimento no Grupo de Ginástica de Diamantina (GGD), projeto de extensão da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), para o processo de construção coreográfica realizado no primeiro semestre de 2019, o qual abordou como tema manifestações das culturas populares da região de abrangência da instituição. Pautados no Método Paulo Freire, o processo se norteou pela perspectiva da educação libertadora, a qual se baseia na “problematização dos homens em suas relações com o mundo” (FREIRE, 1994; p.44). Desta forma, a metodologia do GGD se pautou em dois princípios freirianos evidenciados por Feitosa (2003): a politicidade do ato educativo (a educação é vista como uma construção e reconstrução contínua de significados de uma dada realidade, desafiando o sujeito a refletir sobre seu papel na sociedade e a repensar sua história ao mesmo tempo que participa da ação educativa, de forma que sua ação e reflexão possibilite alterar, relativizar e transformar a realidade); e a dialogicidade do ato educativo (deve se fazer presente entre educador-educando-objeto do conhecimento, a partir da busca do conteúdo programático). O processo de construção coreográfica foi iniciado com a fase de investigação, na qual os sujeitos envolvidos fizeram um levantamento sobre as manifestações das culturas populares da região conhecidas por eles. Para representar este primeiro diagnóstico, os sujeitos foram divididos em grupos e produziram pequenas coreografias que foram compartilhadas entre todos durante a sessão. Em seguida,

⁹ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM); Universidade de São Paulo (USP).

¹⁰ Universidade de São Paulo (USP).



realizaram uma investigação mais aprofundada, para além da sessão oficial, utilizando como ferramenta pesquisas na internet e conversas com amigos e familiares. Todos os dados foram compartilhados em rede social (grupo no *Facebook*), sendo discutidos e apresentados em forma de pequenas coreografias na sessão subsequente. Neste momento, surgiram algumas asserções, tais quais: cultura preta (aquilo que foi silenciado pelo período escravagista e de colonização); dança das fitas (presente na Festa do Rosário); Festa do Rosário; tamborzeiros do Rosário; jogos e brincadeiras populares do Vale do Jequitinhonha. Logo, o grupo notou saturação das possibilidades e iniciou a fase de tematização, reduzindo os dados da investigação em apenas três temas: cultura preta, Festa do Rosário e jogos e brincadeiras populares do Vale do Jequitinhonha. Divididos em grupos de acordo com a preferência entre as três temáticas, os sujeitos produziram pequenas coreografias que foram compartilhadas com os demais durante uma sessão e, em seguida, por meio de discussões com argumentos que justificassem a pertinência de sua escolha, definiu-se um tema em comum para todos, a “cultura preta”. Após definido a temática central da coreografia, iniciou-se a fase de problematização, a qual se destina a superar a visão ingênua sobre o tema por uma visão crítica e reflexiva. Nesta fase, os sujeitos participaram de oficinas com professores e mestres que discursam sobre o tema, realizaram pesquisas na internet, em referências bibliográficas (artigos científicos, livros, etc.) e visita técnica à uma Comunidade Quilombola do Vale do Jequitinhonha. Após estas atividades, definimos os Vissungos, cantos realizados por negros escravizados na região do Vale do Jequitinhonha, em momentos de trabalho, oração, etc., como inspiração principal para a composição coreográfica do GGD. Na sequência, iniciamos a fase de definição do desenho coreográfico, a qual se refere a forma como a coreografia será construída, dividida em cenas que representam diferentes elementos e sentimentos referentes ao tema. Definido o desenho coreográfico, iniciamos a produção da coreografia nos pautando na orientação de Marcassa (2004), a qual propõe as fases de seleção dos conhecimentos (seleção dos movimentos gímnicos e das diversas manifestações da cultura corporal, cultural, artística que irão compor a coreografia), codificação (transformação e/ou ressignificação dos movimentos da etapa anterior em signos de linguagem, transformação em movimentos gímnicos-expressivos) e combinação (sequenciação e contextualização das ações, gestos e posturas em uma coreografia temática que dará sentido ao conteúdo a ser comunicado). Estas fases não seguem uma ordem cronológica e são permeadas pela definição de outros elementos, tais como, músicas, materiais, figurino, cenário, etc. Salientamos que a construção desta coreografia não foi finalizada até o momento de submissão deste estudo. No entanto, corroborando autores que valorizam o processo de construção coreográfica em GPT, acreditamos que, independente do produto final, os princípios balizadores do Método Paulo Freire estão sendo respeitados e evidenciados na proposta metodológica desenvolvida pelo GGD, proporcionando aos sujeitos envolvidos uma reflexão sobre a realidade do Vale do Jequitinhonha e a construção efetiva do conhecimento por uma via sensível e artística.

Palavras-chave: *Ginástica Para Todos; Culturas Populares; Paulo Freire; Coreografia.*

Referências:

- BRATIFISCHE, S. A.; CARBINATTO, M. V. Inovação e Criação de materiais: em busca da originalidade na Ginástica Para Todos. In: MIRANDA, R. C.; EHRENBURG, M. C.; BRATIFISCHE, S. A. (orgs.). **Temas emergentes em Ginástica Para Todos**. Várzea Paulista: Fontoura, 2016.
- CARBINATTO, M. V.; BORTOLETO, M. A. C. World Gymnaestrada: A Non-competitive mass sports festival. In: INTERNATIONAL COUNCIL OF SPORT SCIENCE AND PHYSICAL EDUCATION (ICSSPE). 2016. Santos. **Anais...** Santos, 2016.



VIII Congresso de Ginástica Para Todos

7 a 9 de novembro - Caldas Novas - Goiás - Brasil

Ecos da história: territorialização da GPT no Brasil

- FÁTIMA, C. V.; UGAYA, A. S. Ginástica Para Todos e pluralidade cultural: movimentos para criar novos pensamentos. In: OLIVEIRA, M.; TOLEDO, E. (org.) **Ginástica para Todos: possibilidades de Formação e Intervenção**. Anápolis: UEG, 2016.
- FEITOSA, S. C. S. O método Paulo Freire. In: GADOTTI, M.; GOMES, M.; FREIRE, L. (org.). *Lecciones de Paulo Freire – cruzando fronteras: experiencias que se completan*. Buenos Aires: Clacso, v.1, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- MARCASSA, L. Metodologia do ensino da ginástica: novos olhares, novas perspectivas. **Revista Pensar a Prática**, v.7, n.2, 2004.
- TOLEDO, E.; TSUKAMOTO, M. H. C.; CARBINATTO, M. V. Fundamentos da Ginástica Para Todos. In: NUNOMURA, M. (org.) **Fundamentos das ginásticas**. 2ª ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2016.